Diário de Notícias

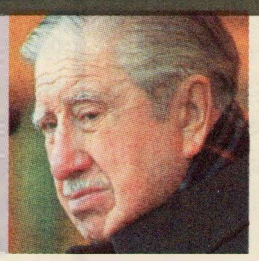
FUNDADO EM 1864

DIRECTOR: MÁRIO BETTENCOURT RESENDES | DIRECTOR ADJUNTO: ANTÓNIO RIBEIRO FERREIRA | PREÇO (IVA INCLUÍDO) 100$ - 100 PESETAS | ANO 134.° Nº47 378 QUINTA-FEIRA, 10 DE DEZEMBRO DE 1998

internacional

Londres dá luz verde à extradição de Pinochet

PÁGINA 20

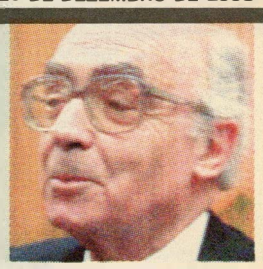


nacional

O DIA DO NOBEL

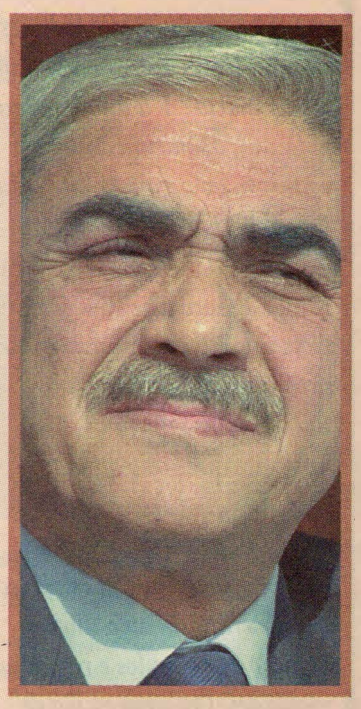
José Saramago recebe esta tarde o Prémio da Literatura

PÁGINAS 10 A 13



PROCURAM-SE...

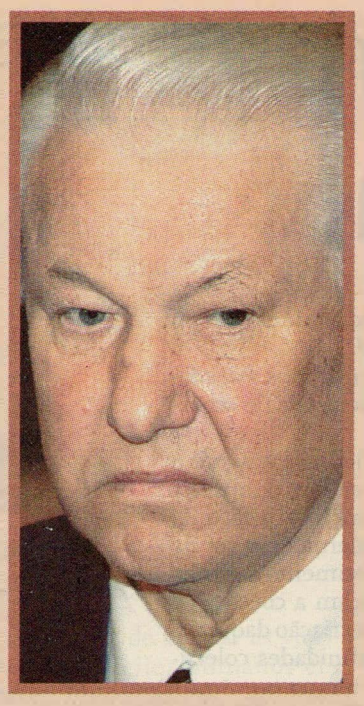
No 50.º aniversário da Declaração Universal dos Direitos Humanos, o DN seleccionou cinco países onde as violações são sistemáticas e deliberadas. Da primeira à última página, a data é assinalada com histórias exemplares de Portugal e do mundo



Liamine Zeroual

Argélia

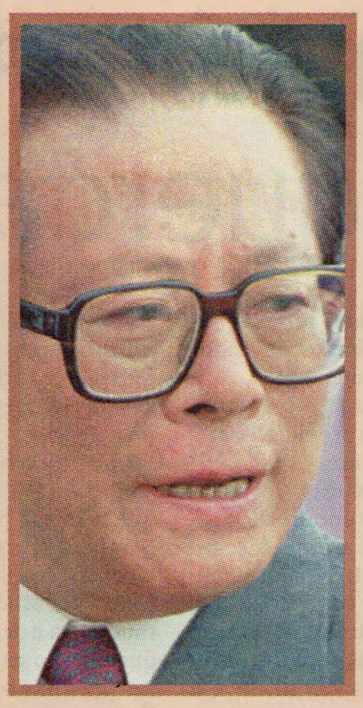
■ Milhares de civis massacrados por diferentes grupos, execuções extrajudiciais, presos de consciência, tortura, maus tratos e centenas de «desaparecidos»



Boris Ieltsin

Rússia

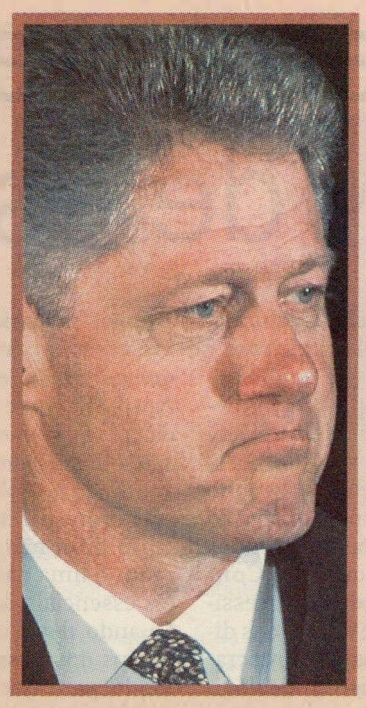
■ Prisioneiros de consciência, tortura e maus tratos das forças de segurança, centenas de condenações à morte e pelo menos cinco execuções públicas



Jiang Zemin

China

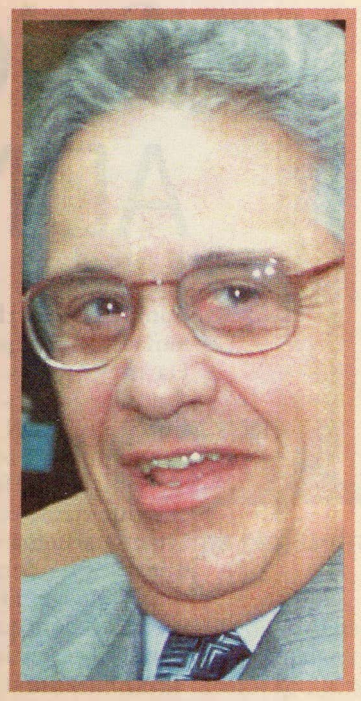
■ Milhares de prisioneiros políticos, alguns por delitos de consciência, tortura, maus tratos e aplicação generalizada da pena de morte



Bill Clinton

EUA

■ Setenta e quatro prisioneiros executados e mais de 3300 nos corredores da morte. Tiroteios, tortura e maus tratos da polícia e de responsáveis das prisões



F. H. Cardoso

Brasil

■ Centenas de pessoas assassinadas pela polícia e por esquadrões da morte ligados às forças de segurança. Tortura e maus tratos policiais são uma prática comum

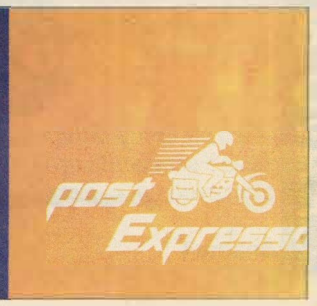
1948

1998

Páginas 2 a 9, 19, 23, 28 a 32, 35, 40, 49, 58 e 59 e 64

PUBLICIDADE

QUANDO TEM QUE CORRER BEM.

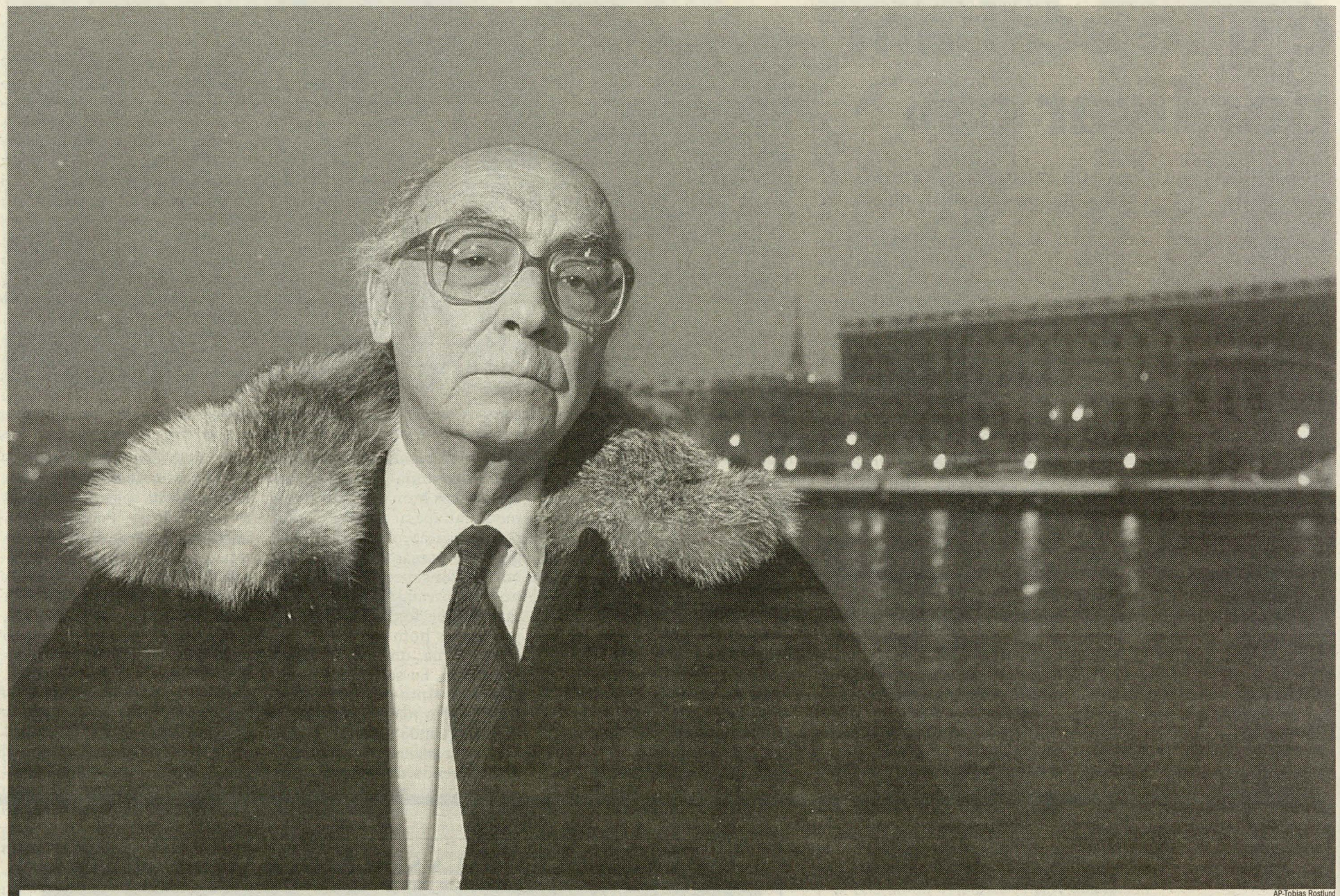


01 - 842 77 01 • 02 - 20 83 71 • 053 - 69 10 00

Bangladesh *33 pessoas foram condenadas à morte*

NOBEL **JOSÉ SARAMAGO**

Hoje, pelas 16 horas, José Saramago receberá o Prémio Nobel da Literatura de 1998 no Grande Auditório do Concert Hall, em Estocolmo. Apresentado pelo professor Kjell Espmark, ao som da «suite» «Arlesiana» de Bizet, o Nobel português será o penúltimo a ser entregue numa cerimónia que a RTP1 e a SIC transmitirão em directo para Portugal



AP-Tobias Rostlund

DISCURSO. As palavras de José Saramago, Prémio Nobel da Literatura, serão as primeiras a ser ouvidas no jantar que se seguirá à cerimónia de hoje, no Concert Hall, em Estocolmo

Dois minutos de língua portuguesa

Hoje à tarde, em Estocolmo, José Saramago será o penúltimo dos nove laureados a receber o Prémio Nobel de 1998

ANTÓNIO CARVALHO
Em Estocolmo

Foi de olhos fechados que quase três centenas de deputados e funcionários do Parlamento sueco ouviram José Saramago ler uma página do seu romance *Todos os Nomes*. Foi um pequeno aperitivo para o discurso que o escritor irá proferir hoje. Se tudo correr como está previsto no programa oficial, logo à tarde (102 anos após a morte de Alfred Nobel), vamos ver e ouvir uma festa com esta sequência, no grande auditório do Concert Hall de Estocolmo:

A cerimónia de entrega dos prémios Nobel abre, protocolarmente, com o hino real, saudando a entrada da rainha, logo seguido por uma marcha de Mozart.

Só então os laureados tomam os seus lugares no palco, para ouvirem o discurso do prof. Bengt Samuelsson, presidente da administração da Fundação Nobel. E como esta cerimónia mistura constantemente as palavras com a música, segue-se o quarto andamento da *3.ª Sinfonia*, de Schubert.

O primeiro dos prémios a ser entregue é o Nobel da Física, atribuído aos professores Daniel C. Tsui, Horst L. Störmer e Robert B. Laughlin, que serão apresentados pelo prof. Mats Jonson.

Vem depois o Nobel da Química, entregue ao prof. John A. Pople, apresentado pelo prof. Björn Roos.

Nesta altura do programa, o soprano Katarina Dalayman interpreta uma ária da ópera *Tannhaüser*, de Wagner.

Segue-se a entrega do Nobel de Medicina aos professores Robert F. Furchgott, Louis J. Ignarro e Ferid Murad, apresentados pelo prof. Sten Lindahl.

O soprano Katarina Dalayman volta então a cantar, desta vez uma composição de Sibelius, e sempre acompanhada pela Filarmónica Real de Estocolmo, sob a direcção de Andrew Davis.

Finalmente chega a vez de José Saramago, apresentado pelo prof. Kjell Espmark. E a orquestra toca a *Farândola* da *suite Arlesiana*, de Bizet.

O último Nobel a ser entregue é o da Economia, ao prof. Amartya Sen, apresentado pelo prof. Robert Erikson. E a cerimónia termina com o hino nacional sueco e com *A Marcha Festiva da Rainha de Sabá*, de Hugo Alfvén, tocada enquanto os convidados saem do auditório.

Segue-se um banquete oferecido pelos monarcas suecos Gustavo e Sílvia. José Saramago será um dos 90 convidados a sentar-se na mesa real que presidirá ao jantar de honra.

Saramago, entre os nove laureados este ano com o Nobel presentes, será o primeiro a discursar e terá apenas dois minutos para proferir as suas palavras. E, para a história do Nobel, ficarão registados esses dois minutos falados em português.

Lusa-Manuel Moura

ENCONTRO. Jorge Sampaio e José Saramago, ontem à tarde

Uma «vitória» de Portugal

O País presta homenagem a José Saramago. Sampaio participa na cerimónia de entrega do Nobel e Carrilho promove Festa da Lusofonia

■ «Os prémios são sempre de quem os ganha. Nós, quanto muito, beneficiamos de ter para o país essa vitória», afirmou ontem o Presidente da República, Jorge Sampaio na sua chegada a Estocolmo. O chefe de Estado salientou o «grande interesse, solidariedade e orgulho» que é a atribuição do Prémio Nobel da Literatura a Jose Saramago. «Estou aqui como amigo», acrescentou. Jorge Sampaio chegou ao fim da tarde ao Grand Hotel de Estocolmo na companhia da mulher, Maria José Ritta, tendo depois a oportunidade de participar numa recepção da comunidade portuguesa na Suécia e num jantar na Embaixada de Portugal. Hoje, a convite de Saramago, estará presente na cerimónia de entrega do Nobel.

José Sócrates, o ministro adjunto do primeiro-ministro, também chegou ontem à capital sueca, para assegurar a representação do Governo português na cerimónia da Real Academia.

O ministro da Cultura, Manuel Maria Carrilho, optou por assinalar a solenidade do momento em Portugal. Para o efeito, Carrilho convidou escritores dos sete países de língua portuguesa para participarem, hoje, pelas 14 e 30, na Aula Magna, numa Festa da Língua, organizada em colaboração com a Universidade de Lisboa.

Bélgica *Tratamento cruel na Somália, pelas tropas*

NOBEL **JOSÉ SARAMAGO**

«Sinto que tudo me ultrapassa»

José Saramago encontrou-se com a líder dos comunistas suecos. E sente-se surpreendido com toda a agitação à sua volta

MARIA DO CÉU NOVAIS *

«As vezes sinto que tudo me ultrapassa, surpreende-me que seja eu o cerne de todos estes acontecimentos. E questiono-me: será caso para tanto?», desafabou, ontem, José Saramago, às primeiras horas do quinto dia em Estocolmo.

«Estou um bocado atordoado. Sinceramente, tenho-me interrogado muito se tudo isto se justifica», prosseguiu, agasalhado com o inseparável capote alentejano, que, gracejou uma vez, gostaria de ver adoptado pelos suecos porque «seria bom para o Alentejo».

O Prémio Nobel da Literatura 1998 diz-se «assombrado» com as manifestações de afecto e reconhecimento que giram à sua volta, num ritmo vertiginoso. Mostrando-se calmo e descansado – acabara de regressar de uma entrevista em directo para o canal 4 da televisão sueca –, comentou alguns pontos da intensa jornada cumprida terça-feira.

Afirmou ter gostado especialmente da cerimónia promovida no Grand Hotel – tradicional «abrigo» de todos os laureados Nobel –, uma iniciativa conjunta do ICEP e do IPLB (Instituto Português do Livro e da Biblioteca).

Nela participaram largas centenas de pessoas, nomeadamente numerosas personalidades de reconhecimento público neste país da Escandinávia, sobretudo dos meios político e intelectual. Presentes estiveram também alguns dos 16 membros da Real Academia Sueca.

Muitos foram os que abordaram pessoalmente o escritor português, para trocar ideias e conhecer, afinal, um pouco do «ser humano que está dentro» de obras como *Baltasar och Blimunda* (título sueco do romance *Memorial do Convento*).

Sobre a exposição de fotografia e texto apresentada em sua homenagem, Saramago considerou-a «magnífica». «É uma espécie de viagem pelas minhas obsessões», disse. Quanto ao diaporama, no qual a figura do escritor é trabalhada através de uma sofisticada montagem de imagens acompanhada por voz e registos escritos de frases suas, o Nobel da Literatura falou da emoção que sentiu ao rever-se assim.

«Foi muito emocionante. Sobretudo pela beleza das imagens. E digo isto sem que esteja a referir-me, claro, à minha própria beleza», brincou.

«Partidos de esquerda devem enfrentar o que é efectivamente a democracia», diz Saramago

Depois da cerimónia no Grand Hotel e de uma palestra na Universidade de Estocolmo, Saramago regressou ao hotel para um encontro informal com dirigentes do Left Party (Partido de Esquerda) sueco. Nesse contacto esteve presente Gudrun Schyman, a líder dos comunistas suecos que antes participara também na recepção oferecida pelo ICEP/IPLB.

Sobre esse momento Saramago disse à Agência Lusa ter-se desenhado uma certa concordância de pontos de vista acerca de qual deverá ser o posicionamento da ideologia comunista no mundo actual.

«Falámos das circunstâncias em que o trabalho do partido decorre aqui, na Suécia. Mas falámos também de uma questão que me parece essencial: os partidos de esquerda devem enfrentar o que é efectivamente a democracia. Seria desejável que todos se juntassem para um grande debate», declarou.

E prosseguiu: «Acontece que os discursos desses partidos são às vezes pura retórica.» E quando «poder» e «democracia» se juntam, desenha-se um estranho «sistema de máscaras, uma espécie de jogos de espelho». Por todos esses motivos, o comunista Saramago, militante do PCP desde 1969, idealiza um grande e partilhado momento de reflexão. Em tom interrogativo, conclui: «Mas far-se-á esse debate?»

A imprensa sueca continua entretanto a dar destaque à presença do Nobel da Literatura português em Estocolmo. Ontem, três dos principais jornais do país incluem nas suas páginas artigos e fotografias de Saramago.

Numa dessas reportagens, descreve-se a homenagem no Grand Hotel, revisitando o *jet-set* local presente no evento e ilustrando amplamente o laureado entregue a uma tradição sueca: acender uma coroa de velas depositada na cabeça de uma jovem de 19 anos, que encarna a Lúcia, símbolo do Inverno.

Ontem, o escritor português contornou vários pontos da agenda inicialmente reservada para o período da manhã, em prol de alguns instantes de recolhimento e de duas entrevistas à comunicação social. À tarde, avistou-se pela primeira vez em Estocolmo com o Presidente da República português, Jorge Sampaio, que ontem chegou à Suécia para assistir à cerimónia de entrega do Nobel.

* *Jornalista da Lusa*

Lusa-Manuel Moura

ESTOCOLMO. Saramago e Pilar del Rio, sob a atenção dos media suecos

O ano da «sorte grande» da Editorial Caminho

Nos últimos dois meses foram vendidos cerca de 300 mil exemplares de livros de José Saramago por todo o mundo

■ Dos vários tipos de Prémio Nobel o da Literatura é, sem dúvida, um dos que são «partilhados» por mais entidades, senão vejamos: José Saramago ganhou o prémio e foi-lhe atribuído o devido prestígio, a língua e a cultura portuguesas sofreram uma projecção internacional de dimensão incalculável, os escritores portugueses tiveram as suas obras mais divulgadas, e a Editorial Caminho registou a maior subida de vendas de sempre.

«Neste momento temos cerca de trezentos mil exemplares de livros de Saramago espalhados por diferentes locais. Cem mil que tínhamos em *stock* antes do Nobel e duzentos mil que editámos depois e que já seguiram para a distribuidora», garante José Pedro Soares, da Editorial Caminho.

Nas primeiras duas semanas que se seguiram à atribuição do Nobel ao escritor português, verificou-se uma intensificação da procura em todos os locais de venda, e por parte de todos os públicos, dos 28 títulos de Saramago editados pela Caminho. Todos eles tiveram de ser reeditados, pois os *stocks* existentes rapidamente se esgotaram, e alguns títulos já tiveram mais do que uma reedição. Os pedidos eram de tal forma que «não havia recursos humanos suficientes para colocar a cinta "Prémio Nobel da Literatura" em todos os livros», acrescenta José Soares.

Depois da euforia inicial, houve um período de ligeira estabilidade, mas agora, com entrega do prémio em Estocolmo e a aproximação do Natal, assiste-se a um novo aumento. Segundo José Pedro Soares houve livreiros a fazer grandes aquisições, os pedidos dos hipermercados atingem os milhares, e há já mesmo empresas a contactar a editora para encomendar livros autografados.

De entre os livros publicados pela Caminho, o *Memorial do Convento* foi, até ao momento, o livro com mais edições – vai na 27.ª edição, com cerca de 300 mil exemplares vendidos. Segue-se o *Evangelho Segundo Jesus Cristo*, com 23 edições, a *Viagem a Portugal*, com 17, e *Levantado do Chão* e *O Ano da Morte de Ricardo Reis* com 13. *Todos os Nomes*, a última obra de José Saramago, publicada há cerca de um ano, já alcançou a sétima edição.

De acordo com o responsável da Editorial Caminho, e apesar da ausência de dados concretos, esta intensificão da procura verificou-se também fora de Portugal, havendo novas editoras estrangeiras a requerer os direitos de autor para a publicação da obra em mais línguas. Curiosamente, assistiu-se também a um aumento da procura de livros em português em países onde já estavam editados na língua local.

DESTAQUE. Saramago abriu a rubrica «Autor do Mês» da Mediabooks

Vendas «online» acalmaram

Depois da corrida aos títulos de José Saramago verificada no momento do anúncio da atribuição do Nobel, os valores regressaram à normalidade

■ No dia em que foi revelado que José Saramago era o Nobel da Literatura de 1998, as vendas *online* de obras suas reflectiram à escala mundial o impacte da revelação. Ao fim de um dia, Saramago estava no primeiro luagr da tabela de vendas da Amazon Books, a maior loja virtual de livros. E o exemplo não era pontual, verificando-se semelhante cenário noutros *sites*.

Ontem, véspera do acto oficial da entrega do Nobel, Saramago, apesar de presente em todas as principais lojas *online*, não estava já nos lugares cimeiros das vendas, com os *bestsellers* da quadra a dominarem agora as vendas.

A Mediabooks (em www.mediabooks.com), a livraria portuguesa na Internet, é a que, com 29 títulos disponíveis, mais destaca o autor, dedicando-lhe o mês de Dezembro. De resto, é José Saramago quem abre a rubrica «Autor do Mês», agora instituída pela Mediabooks.

A Amazon (www.amazon.com) abre o seu *site* com uma caixa que destaca a atribuição do Nobel a Saramago, estabelecendo um *link* para a montra de títulos disponíveis, num total de 16, em inglês, francês e castelhano.

A Barnes and Noble (www.barnesandnoble.com) apresenta, na montra Saramago, apenas o livro *El Amor Possible*.

Bósnia-Herzegovina Desconhecido paradeiro de 19 mil detidos

NOBEL **JOSÉ SARAMAGO**

Estocolmo reúne dois admiradores

Hoje estarão juntos dois homens que se admiram mutuamente: o escritor português e o economista indiano Amartya Sen

ANTÓNIO CARVALHO
Em Estocolmo

Esta tarde vão estar juntos dois homens que têm muito em comum e se admiram mutuamente: José Saramago e Amartya Sen. Os prémios Nobel, de Literatura e Economia, respectivamente, juntaram-nos aqui e agora, mas há muito que as suas trajectórias os vinham aproximando.

Conforme o DN teve oportunidade de noticiar, em 9 de Outubro passado, durante a Feira do Livro de Frankfurt, Saramago fez questão de sublinhar, então, a sua sensação de escândalo perante o espectáculo de um mundo dilacerado por profundas desigualdades económicas e sociais. Esta revolta interior de Saramago contra a chamada «ordem» económica mundial atravessa toda a sua obra, pelo menos desde os anos 60 (quem tiver olhos para ver, que leia as suas crónicas da época).

Na mesma altura, em Inglaterra, um economista indiano, Amartya Sen, entrava no mesmo caminho de contestação de uma suposta «fatalidade» nas questões económicas e sociais. Natural de Bengala, Índia, onde nasceu em 3 de Novembro de 1933, Amartya (que recebeu este nome de outro Nobel, Rabindranath Tagore, amigo da sua família) foi testemunha da fome que assolou Bengala em 1943 – ver milhares de esqueléticos compatriotas seus, vindos do interior e a morrer nas ruas, marcou toda a sua vida. O tema da fome, e das suas causas, tornou-se uma das questões essenciais na obra do futuro economista. Já com uma carreira académica feita em Harvard ou Oxford e 30 anos depois desses trágicos eventos, Amartya Sen, ainda intrigado pelo facto de a sua família (gente modesta mas culta) não ter sido afectada pela fome, percebeu que a escassez de comida e até mesmo a pobreza podem não ser a principal causa da fome. Os seus estudos sobre esse fenómeno na Índia, Bangladesh, Etiópia e Sudão levam-no a concluir que as fomes são fáceis de prever – mas só quando os governos estão incentivados para o fazer, o que exclui as ditaduras, governos de tipo militar ou regiões sob domínio colonial: a melhor maneira de prevenir e evitar a fome é ter um governo democrático com uma imprensa livre, oposição e eleições livres nas quais os povos possam mudar os governos.

AP-Toni Sica

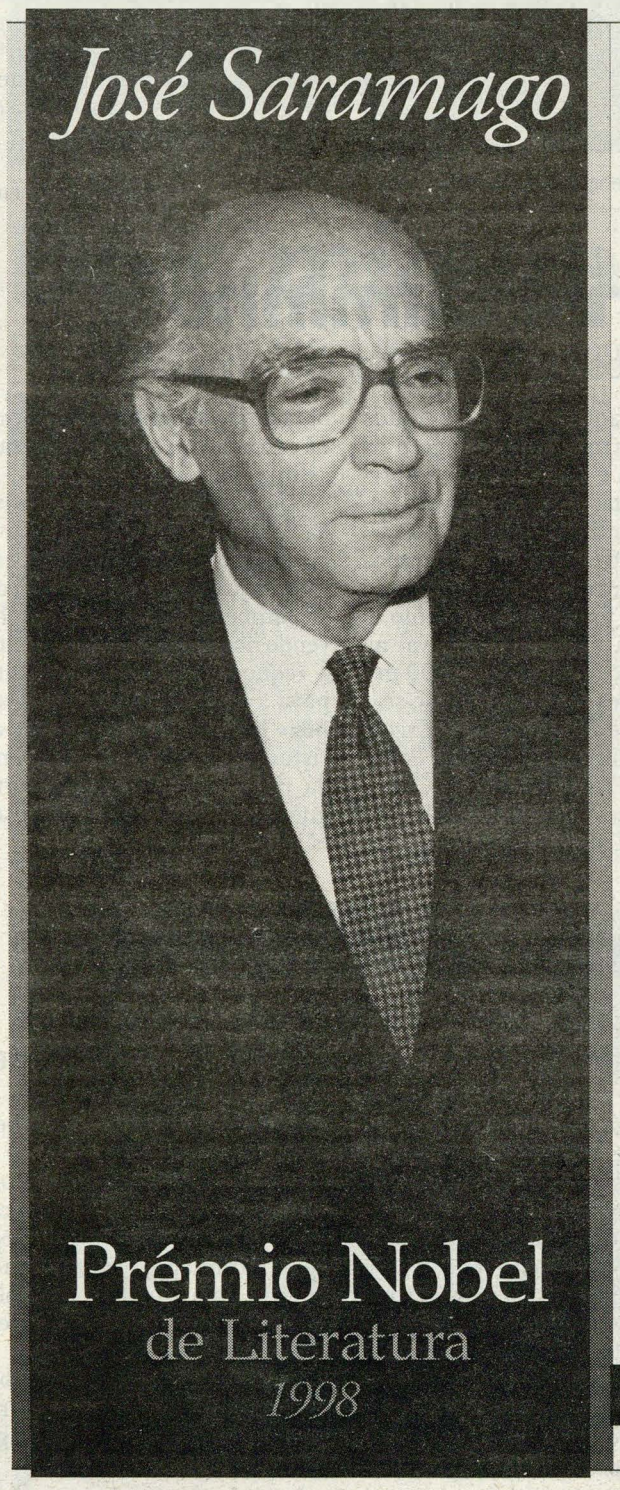
NOBEL DA ECONOMIA. Amartya Sen e a esposa, Emma Rotchild

Ligando cada vez mais a economia com a ética, Sen demonstrou que as epidemias de fome só acontecem em condições de guerra ou sob regimes opressivos – assim aconteceu na União Soviética dos anos 30, na Índia sob mandato britânico, durante a II Guerra, na China dos anos 50 e 60 e está prestes a acontecer no Sudão. Em contrapartida, onde existe paz e liberdade, onde os esfomeados se podem exprimir e as autoridades chamadas a tomar medidas urgentes, pode-se sempre fazer o que é necessário antes de as coisas piorarem – na Índia, desde a independência, tem havido pobreza e má nutrição, mas não fome, costuma realçar.

Associando, igualmente, a economia com a filosofia e as ciências sociais, Amartya Sen definiu a chamada «linha da pobreza», usada pelas Nações Unidas e outras agências de desenvolvimento para determinar o nível de pobreza num certo país. Por outro lado, estabeleceu a teoria do bem-estar económico, que basicamente trata do problema das escolhas sociais – foi ele o primeiro a propor que não era possível aumentar o bem-estar de uns sem diminuir o de outros. E nunca deixou de criticar o modelo ocidental de crescimento económico, incapaz de realizar o bem-estar dos mais carenciados. Para Sen, a tão falada globalização deve ser suplementada com iniciativas que desenvolvam as capacidades humanas. O que significa investir na saúde, educação, igualdade de poderes entre homens e mulheres.

Estas ideias, que vem expondo há 30 anos, deram a Sen uma certa conotação de «esquerdista» (para alguns analistas), ou a aura de «consciência da economia» (para outros), enquanto os seus colegas e compatriotas se perguntam porque é que a Academia sueca demorou três décadas a distinguir Sen com um Nobel, quando o auge do seu pensamento foi nos anos 60... Enfim, mais vale tarde do que nunca, e Amartya Sen é agora o sexto Nobel indiano e o primeiro asiático a ser distinguido na área da economia. Kofi Annan afirmou que Sen tinha dado uma contribuição maior para o pensamento económico da ONU: «Ele lembrou-nos que os mercados devem servir um objectivo mais lato, que pode ser definido por referência aos valores universais, os que estão guardados na Carta das Nações Unidas.»

Quem sabe? Depois da crise do mercado e da atribuição deste Nobel, pode ser que a visão humanista da economia, defendida por Sen, encontre mais adeptos. Afinal de contas, Amartya Sen tem vindo, também ele, a escrever «ensaios sobre a cegueira».



Terra do Pecado
Os Poemas Possíveis
Provavelmente Alegria
Deste Mundo e do Outro
A Bagagem do Viajante
O Ano de 1993
Os Apontamentos
Manual de Pintura e Caligrafia
Objecto Quase
A Noite
Levantado do Chão
Que Farei com Este Livro?
Viagem a Portugal
Memorial do Convento
O Ano da Morte de Ricardo Reis
A Jangada de Pedra
A Segunda Vida de Francisco de Assis
História do Cerco de Lisboa
O Evangelho Segundo Jesus Cristo
In Nomine Dei
Cadernos de Lanzarote. Diário — I
Cadernos de Lanzarote. Diário — II
Ensaio Sobre a Cegueira
Cadernos de Lanzarote. Diário — III
Cadernos de Lanzarote. Diário — IV
Todos os Nomes
Cadernos de Lanzarote. Diário — V

CAMINHO
O prazer de ter bons livros para ler

A história de Blimunda e Baltasar é lida em coreano

Seul lembra o escritor de que todo o mundo fala

■ A vida e a obra do escritor português José Saramago são o tema de uma exposição patente ao público desde ontem no Centro Cultural Português de Seul, na Coreia do Sul. A exposição, que poderá ser vista até final de Janeiro de 1999, inclui quatro painéis em língua coreana sobre a vida e obra do escritor português, bem como uma bibliografia e alguns exemplares da sua obra.

Para assinalar a atribuição do Prémio Nobel a Saramago, o Centro Cultural Português de Seul realizou também ontem um seminário sobre a vida e obra do escritor, cujos livros *Memorial do Convento* e *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* estão já traduzidas para coreano.

Por outro lado, as agências noticiosas internacionais têm dado um destaque relativo à cerimónia de entrega do Prémio Nobel a Saramago, realçando apenas o discurso «emotivo» que o escritor proferiu segunda-feira na Academia Sueca. O discurso «político e acusatório» à Igreja Católica portuguesa do tempo da ditadura salazarista, escreve a agência espanhola EFE, «reactualizou a discrepância activa que lhe vale (a Saramago) a censura do Vaticano».

A agência espanhola relata ainda a forma como Saramago «inventou» os seus personagens a partir dos seus próprios antepassados e destaca a «humildade» do escritor português, casado com uma jornalista espanhola, Pilar del Rio, e que vive em Lanzarote, nas Canárias.

A norte-americana Associated Press (AP), por seu lado, destaca as raízes humildes de Saramago, realçando a forma como «o escritor comunista e ateísta» deu os primeiros passos na literatura, como os personagens das suas histórias se tornaram reais.

Discorrendo também sobre o discurso de aceitação do prémio que o autor português proferiu na Academia Sueca, a AP destaca a «ironia e humor» de Saramago e as «farpas» atiradas «a alvos que lhe são caros: a Igreja Católica, os governos autoritários, os latifundiários gananciosos e todos os géneros de intolerância».

Também a France-Presse (AFP) destaca as afirmações de Saramago em Estocolmo, onde recebe quinta-feira o Prémio Nobel, enfatizando a relação do escritor com os avós Jerónimo e Josefa e o discurso «emotivo e muito aplaudido».

PATROCÍNIO DA
EDITORIAL
CAMINHO

LIVRARIA NOTÍCIAS - ALMADA
A SUA LIVRARIA
notícias livrarias
O PRAZER DE LER, A PAIXÃO DE EDITAR

Brasil *Centenas de mortos pela polícia e esquadrões da morte*

NOBEL **JOSÉ SARAMAGO**

Escritor «omnipresente» e universal

No dia em que José Saramago recebe o Nobel da Literatura, em Estocolmo, o Instituto Camões celebra-o mundialmente

VIALE MOUTINHO

A atribuição do Prémio Nobel a José Saramago veio testar a capacidade de organização da entidade portuguesa vocacionada para a difusão da nossa cultura no mundo. E o Instituto Camões soube mostrar-se à altura. Hoje é dia de o autor de *Memorial do Convento* receber o mais alto galardão literário do universo e, enquanto é editado um número especial da revista *Camões*, um pouco por toda a parte multiplicam-se iniciativas de inegável interesse. Há exposições biobibliográficas e das obras do escritor patentes em Seul, Vigo, Macau, São Paulo, Goa, Tóquio, São Tomé, Banguecoque, Berlim, Estocolmo, Bona e Pequim. Novas edições em lançamento, nomeadamente: *Memorial do Convento* em coreano e em chinês, uma em Pequim e outra em Macau. Também uma mostra de traduções de obras de Saramago na Livraria Chapters, em Otava. Quanto a colóquios e conferências, destaque para: «A obra e o mundo de José Saramago», com José Manuel Mendes, Maria Alzira Seixo e Carlos Reis, em Estocolmo; mesa-redonda sobre Saramago, com o tradutor de *Ensaio sobre a Cegueira*, Chang Young-Mok, António Braga, Kim Young-Jae e Song Phil-Hwan, em Pequim; colóquio sobre Saramago no Juan Carlos Center, da Universidade de Nova Iorque; colóquio com Maria Arana-Ward *(Book World)* e James Wood *(The New Republic)*, na livraria Politics and Prose, em Washington; «Saramago à luz dos tradutores e críticos húngaros», com Pál Ferenc, Laura Lukács e outros, na Universidade de Budapeste; conferência de Ribeiro Lume sobre Saramago, no consulado-geral em Goa; porto de honra na embaixada portuguesa em Nova Deli, associando-se ao brinde por Saramago o nome do indiano Amartya Sem, que este ano recebeu o Nobel da Economia. Ainda uma leitura de textos de Saramago na Livraria Alinea, no Luxemburgo, e na Livraria Portuguesa, em Macau.

Para além de Estocolmo, é São Tomé a cidade mais agitada em matéria de iniciativas de homenagem a Saramago. No Centro Cultural Português, Mário Trindade montou um amplo colóquio, em que participam Alda Espírito Santo, Fernanda Pontífice, Cristina Vaz Fernandes, Guilhermina Chito e Isabel Gaspar. Já em Tóquio foi entregue o prémio literário Rodrigues, o Intérprete 1998 aos profs. Jaime Coelho e Yoshifumi Hida, pela edição do *Dicionário Universal Japonês-Português*.

Imprensa brasileira acompanha o Nobel

■ O jornal *Estado de São Paulo*, um dos matutinos mais prestigiados do Brasil, dedica o «Caderno 2» da sua edição de ontem a José Saramago. O suplemento cultural do jornal publica um estudo crítico sobre a obra de Saramago e reproduz o *Conto da Ilha Desconhecida*, que começa a chegar às livrarias sob a chancela da Companhia das Letras, a casa editora de Saramago no Brasil.

A entrega do Nobel da Literatura a José Saramago está também a ser objecto, no Brasil, de diversas iniciativas culturais e de divulgação da obra do autor. Numa livraria de Brasília, por iniciativa do Instituto Camões, está patente ao público uma exposição com várias dezenas de exemplares das traduções em diversos países dos livros do escritor.

Para hoje, o Instituto Camões tem programado um encontro com vários jornalistas que vão acompanhar nas instalações do Centro Cultural do instituto, em Brasília, a cerimónia de entrega do Nobel.

Presente em vídeo na cerimónia de Viena

■ José Saramago vai estar presente, em vídeo, na cerimónia comemorativa dos 50 anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos, a realizar hoje em Viena e organizada pela União Europeia. O Prémio Nobel da Literatura de 1998 fará ouvir uma mensagem sobre direitos humanos em nome da sociedade civil europeia. Também serão ouvidas mensagens em vídeo do secretário-geral da ONU, Kofi Annan, e da alta-comissária para os Direitos Humanos, Mary Robinson.

O objectivo desta cerimónia, marcada para o Palácio Imperial de Viena, é chamar a atenção para os actuais desafios ligados à protecção e promoção internacional dos direitos humanos. Além da parte formal de intervenções por individualidades da UE, a sessão incluirá um programa cultural reflectindo a liberdade e a tolerância artísticas. Actuarão igualmente grupos musicais representantes de minorias juntamente com a presença de muitas crianças.

Parabéns!

Comemoramos um ano de sucesso com uma oferta muito especial:

• anti-arranque codificado integrado na chave • duplo airbag • arco central de rigidez • reforços laterais de deformação progressiva • barras estabilizadoras dianteira e traseira • cintos de segurança com pré-tensores e pinças bloqueadoras • corte automático de alimentação em caso de colisão • eixo traseiro de efeito auto-direccional • estofos em veludo • faróis de nevoeiro • tecto de abrir eléctrico • jantes em liga leve • auto-rádio com RDS e comandos no volante • 6 altifalantes

por apenas 3.200 cts.

Citroën prefere TOTAL

CITROËN XSARA 1.4i PACK LOOK

OFERTA ESPECIAL LIMITADA AOS VEÍCULOS EXISTENTES NOS CONCESSIONÁRIOS OU AGENTES CITROËN.